



## **A HOMOAFETIVIDADE DA MULHER NA MELHOR IDADE: UMA REVISÃO DA LITERATURA**

Maurício Caxias de Souza (1); Liniker Scolfield Rodrigues da Silva (2).

*Graduando em Enfermagem pela Faculdade Maurício de Nassau - Grupo Ser Educacional (1),  
[mauriciocaxias@hotmail.com](mailto:mauriciocaxias@hotmail.com);*

*Enfermeiro Residente no Programa de Residência Uniprofissional em Saúde da Mulher pela Secretaria Estadual de Saúde do Estado de Pernambuco (SES-PE), lotado no Hospital Agamenon Magalhães (HAM) (2),  
[linker\\_14@hotmail.com](mailto:linker_14@hotmail.com).*

**Introdução:** Na atualidade encontram-se disponíveis uma complexa gama de estudos científicos sobre a homoafetividade da mulher, que ressaltam questões de saúde, etiológicas, terapêuticas, sociais, políticas, culturais, religiosas e econômicas. Entretanto, se prioriza a jovem e a adulto no que diz respeito à população estudada, tendo a mulher idosa um déficit de destaque neste cenário. **Objetivo:** Descrever a produção científica acerca da homoafetividade da mulher idosa no Brasil. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura existente, com análise das publicações dentre os anos de 2004 a 2015 em bases de dados on-line. **Resultados:** Foram analisadas 12 publicações. Os estudos apontaram que a mulher idosa com orientação homoafetiva tende a ser alvo de duplo estigma, o de ser idosa e o de ser homoafetiva. A mulher idosa, apesar do preconceito e da discriminação, tenta exercer sua sexualidade em diferentes espaços. Nas idosas homoafetivas, estudos mostraram que não existem especificidades no envelhecimento desse segmento populacional. **Conclusão:** Enfatiza-se a necessidade de apoio teórico e político às mulheres idosas homoafetivas, uma vez que a literatura nacional mostrou-se escassa e, além disso, os estudos foram conduzidos com um número muito pequeno de indivíduos. Tal movimento de mudança é necessário no sentido de reconhecer mais fidedignamente esse fenômeno e assim melhor acolher essas mulheres nos espaços públicos e privados.

**Palavras-chave:** Envelhecimento, homossexualidade, idoso, sexualidade.

### **INTRODUÇÃO**

De acordo com reflexões de Foucault (2011), a sexualidade está para além dos atos sexuais com a manipulação do genital. Tal indicador de qualidade de vida contempla a subjetividade e a singularidade individual, relacionando-se a uma representação que o

indivíduo faz de si quando em contato com a complexidade dos diversos segmentos sociais, para deles aproximar-se ou diferenciar-se. Para Ceccarelli e Franco (2010), a sexualidade sempre foi um imenso enigma da humanidade e uma das mais importantes e complexas dimensões da condição humana. Sua compreensão envolve incalculáveis



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

variáveis que adentram questões morais, políticas e ideológicas. A orientação sexual é considerada como uma parte da identidade individual que é composta por dimensões são elas: sexo biológico, identidade de gênero, papel social e orientação do desejo sexual. A orientação homoafetiva, por sua vez, se refere à preferência sexual por pessoas do mesmo sexo biológico, compreendendo aspectos como a atração sexual, comportamentos, fantasias e também preferências, sejam elas emocionais ou sociais (CEARÁ, 2010).

Definir a homoafetividade apenas como uma preferência sexual por pessoas do mesmo sexo é algo um tanto limitado, já que a terminologia “preferência” pode conotar a tendência a escolher, optar, e acaba não incluindo os processos biológicos e psicoculturais que podem determinar esta “escolha”. De tal modo, o comportamento homoafetivo tem sido objeto de uma variedade de estudos, enfatizando questões de saúde, etiológicas, terapêuticas, sociais, políticas, culturais, religiosas e econômicas.

Para Antunes (2010), a ênfase maior, ressalta que nas últimas décadas os padrões de certos comportamentos prescritos para o gênero e a velhice estão ocasionando alterações. Tal movimento de mudança, na defesa do alcance ou a manutenção da qualidade de vida, faz-se compreender que as pessoas idosas sem dotadas do direito de

envelhecer sem carregar os antigos estigmas de patologias, decadência e peso social. Segundo Ceará e Dalgalarrodo (2010), de modo geral, no Brasil, não há estudos conduzidos de forma sistemática sobre a saúde mental, qualidade de vida e identidade em mulheres idosas com orientação homoafetiva.

Para Mota (2009), pesquisas sobre a homoafetividade e o envelhecimento no âmbito das experiências cotidianas são ainda incipientes, aspecto que revela certo silêncio a respeito da extensão e a complexidade que envolve o tema. Em detrimento de tal, o presente estudo objetivou tornar explícito a produção científica nacional acerca da homoafetividade em mulheres idosas, tendo como questão norteadora: “Qual o perfil das mulheres idosas homoafetivas no Brasil?”.

Faz-se necessário a realização do presente trabalho com a temática proposta da homoafetividade da mulher na melhor idade, pois, torna-se relevante a substituição de certas terminologias sexistas e generalistas, tais como: homossexualidade e velhice. Bem como a reflexão sobre o passar do tempo e as questões de ser gay e ser uma mulher idosa.

Desta forma, o presente estudo tem como objetivo discutir a temática proposta a fins de trabalhar as questões de gênero e sexualidade na melhor idade das mulheres idosas. Transparecer a importância das



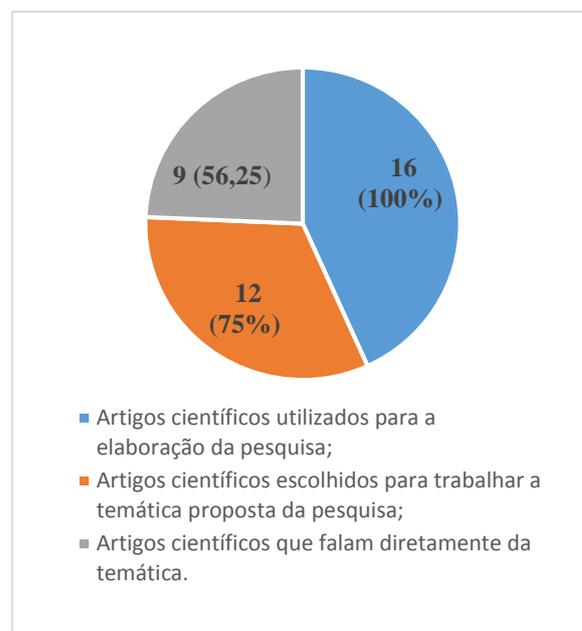
questões de gênero, sexualidade e progressão humana, no que condiz com a formação em saúde.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão da literatura vigente cujo recorte temporal foi do período compreendido entre os anos de 2004 - 2015. A priori, o recorte temporal seria do período compreendido entre os anos de 2000 – 2012, porém, não foram encontrados trabalhos publicados anteriormente ao ano de 2004. Os descritores controlados de assunto para delimitar o tema foram 'envelhecimento', 'homossexualidade, 'idoso' e 'sexualidade'. Os critérios de inclusão foram: artigos completos em língua portuguesa, disponíveis online para consulta em bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e em revistas eletrônicas de universidades públicas brasileiras. Esses critérios também contemplaram as publicações que abordassem o tema com amostras de pessoas idosas, ou seja, pessoas acima de 60 anos, que tivessem sido desenvolvidos no Brasil e com coleta de dados através de entrevista direta com a mulher idosa homoafetiva.

Foram pesquisados no total 16 (dezesesseis) artigos para a realização do presente estudo. Após análise dos resumos de inúmeras publicações encontradas com os

descritores controlados, foram selecionados 12 (doze) estudos para análise na íntegra, uma vez que contemplavam os critérios para inclusão. Dos 12 (doze) artigos científicos, foram escolhidos de forma significativa para o desenvolvimento da temática proposta, sendo desses, 9 (nove) falam diretamente do assunto proposto e por fim, dos 16 (dezesesseis) artigos 4 (quatro) foram utilizados para complementação de leitura e estruturação do artigo.



**Gráfico 01:** Distribuição da escolha dos artigos científicos para pesquisa. Janeiro, 2016.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mota (2009), destacou alguns dos momentos históricos importantes e que repercutiram, em maior ou menor grau, no segmento social em questão (pessoas idosas com orientação homoafetiva). Deste modo, o



autor fez menção ao período que vai da ditadura até a abertura política, e o impacto a pandemia do HIV/AIDS (Vírus da imunodeficiência humana/Síndrome da imunodeficiência adquirida); a transição da perspectiva patologizante para uma de direitos no âmbito dos novos movimentos sociais; o processo de estruturação de um circuito de entretenimento gay nas cidades brasileiras; a evidência do evento da *Parada Gay*, que passa a dar uma visibilidade à homoafetividade; a luta por reconhecimentos civil e social do emergente movimento das pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Simpatizantes (LGBTTS).

Ainda para com o ponto de vista geracional, Paiva (2009), ressaltou que no Brasil, o movimento homossexual tem 30 anos e, portanto, a geração atual de idosos homossexuais foram os que abriram o caminho para uma representação identitária de afirmação política e de combate ao preconceito e à violência contra essa população. Mota (2012), em outro estudo, acrescenta o emergente movimento feminista a partir da década de 1960 na compreensão do fenômeno.

Mota (2012), reflete sobre os estereótipos “antigos” acerca da pessoa idosa, que assim como Antunes (2010), já discorria, contemplam a decadência, a incapacidade e o

peso social, numa dinâmica onde a pessoa idosa possui dificuldades para lidar com as dimensões que articulam a degeneração do corpo e as experiências no curso da vida. Tais representações, nas sociedades modernas, incluem também a incapacidade para o trabalho. Ou seja, assim como Paiva (2009), destacou, há um processo ambivalente de positividade e também de denegação da “melhor idade”, algo que tende a ser experimentado ou vivenciado pelas pessoas idosas.

Nessa movimentação crítica reflexiva, surgiu a problemática do duplo estigma, o de ser gay e o de ser idosa. Ressalta-se que essa problemática foi mencionada em todos os doze estudos analisados. Seguem abaixo descritos os achados da literatura, respeitando três categorias de abordagem: idosos homoafetivos, idosas homoafetivas e idosas travestis.

## **IDOSOS HOMOAFETIVOS**

Através de um método de estudo explicar a preocupação de idosos homoafetivos com a solidão torna-se um desafio possível. Os entrevistados de uma pesquisa também atentaram para a



necessidade de acolhimento teórico e político, por meio de pesquisas acadêmicas e políticas públicas para o segmento social em questão (PAIVA, 2009).

Mota (2012), entrevistou quinze pessoas idosas homoafetivas, que residem na cidade do Rio de Janeiro, e verificou que 53,3% da amostra relataram ter pai autoritário e disciplinador; 26,6% sofreram pressão/rejeição familiar; 33,3% somente viveram ou revelaram a homoafetividade para a família após a morte do pai e 66,6% saíram de casa ou migraram para outras cidades para viverem suas relações homoafetivas.

Paiva (2009), e Mota (2012), também atentaram para as mínimas opções de sociabilidade para os idosos homoafetivos e que atualmente a segregação da velhice se reflete, entre outras dificuldades, na obtenção de parceiros e na tentativa de se dar continuidade a novas relações.

Apesar do estigma de ser uma pessoa idosa, da discriminação e da norma heterossexista (que inviabiliza o reconhecimento e convívio com a diferença), os idosos homoafetivos entrevistados por esses autores ainda tentam exercer a sexualidade, reinventá-la, inclusive fora do contexto privado.

Silva (2012), ao discorrer sobre as representações sociais da homoafetividade na melhor idade, com base no discurso de

pessoas idosas homoafetivas, verificou que a imagem que se tinha do idoso gay mudou nos últimos anos. Tais indivíduos ora são representados como vulneráveis, suscetíveis a preconceitos por conta da idade e preferência sexual, e ora como pessoas que buscam visibilidade, mesmo que seja apenas no seio da comunidade LBGTTT's (Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Simpatizantes). As representações sociais que predominaram, no discurso dos entrevistados, foi a de que idoso homoafetivo é um ser solitário, vítima de preconceito e paradoxalmente, atuante em espaços considerados homossexuais.

Ceará e Dalgalarondo (2010), em estudo comparativo (idosos com orientação homossexual x idosos com orientação heterossexual) sobre saúde mental, qualidade de vida e identidade em idosos, constatou que no grupo de estudo (idosos homossexuais), 15 (37,5%) sujeitos apresentaram algum transtorno mental e 25 (62,5%) sujeitos nada apresentaram. No grupo de heterossexuais, oito (20%) sujeitos apresentaram algum transtorno mental contra 32 (80%) que não apresentaram.

Percebeu-se uma complexa associação, inclusive do ponto de vista estatístico, entre a presença de transtornos mentais e a não revelação da orientação sexual, manifestando-a parcialmente na



execução das atividades de cunho social. Segundo os autores, essa forte associação pode sinalizar uma crise de identidade perante a orientação sexual, o que ocasionaria altos níveis de estresse psicológico.

Os idosos homoafetivos da supramencionada pesquisa revelaram boa frequência de convívio familiar e de convívio com pessoas da mesma faixa etária, não diferenciando-se do grupo contraste. As percepções salientadas por Silva (2012), que os homoafetivos idosos são seres solitários não foram confirmadas nessa população investigada. De tal modo, Ceará e Dalgalarrodo (2010), discorreram sobre a possibilidade dos homoafetivos entrevistados investirem mais na busca de contatos sociais, uma vez que a grande maioria desses indivíduos não tinha filhos e era solteira, o que os levaria, hipoteticamente, a dar maior ênfase aos contatos sociais.

## **IDOSAS HOMOAFETIVAS**

Alves (2010), relatou que a homoafetividade feminina tem sido algo bastante abordado na literatura das ciências sociais a partir do ano de 1990, entretanto, a maioria dos estudos prioriza a jovem e adulta no que diz respeito à população estudada, tendo a idosa homoafetiva pouco destaque nesse cenário.

As quatro idosas entrevistadas em sua pesquisa permitiram que a autora inferisse que não há algo específico no envelhecimento de idosas homoafetivas, ou seja, a velhice não adquire especificidades porque os idosos são homossexuais, trata-se de trajetórias de vida, marcadas pelas vivências comuns de determinadas coortes etárias, que podem emprestar ao envelhecimento marcas distintas.

Sobre os dados objetivos do supracitado trabalho, as quatro idosas entrevistadas estavam em relacionamentos afetivo-sexuais estáveis no momento da coleta de dados; no caso de idosos homoafetivos, como destacado por Ceará e Dalgalarrodo (2010), esse padrão é diferente, a maioria dos idosos com orientação homoafetiva está solteira.

Lima (2006), relatou que existem distintas maneiras de envelhecer e tornar-se idoso e que a velhice é singular e heterogênea. Sua pesquisa com mulheres homoafetivas na maturidade obteve resultados similares aos de Alves (2010), pois, o mesmo identificou que as representações sobre velhice e ser velho deste grupo de mulheres não diferem da imagem e dos significados de outros grupos e indivíduos da sociedade.

A preocupação com o corpo que envelhece, com as mudanças e alterações funcionais decorrentes do envelhecimento e a



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

possibilidade de perder a vitalidade física também estiveram presentes no discurso de algumas mulheres ao imaginar a velhice. Um achado interessante diz respeito ao duplo estigma que, para as entrevistadas, não foi enfatizado como uma preocupação, pois o estigma social e as barreiras que recebem ao longo da vida pela opção sexual que fizeram, propicia-lhes visualizar a velhice de modo diverso, percebendo menos preconceito em relação à sua condição. As idosas verbalizaram que o apoio social, da família e dos amigos é de fundamental importância no envelhecimento saudável.

Assim como os idosos homoafetivos entrevistados por Ceará e Dalgalarondo, (2010), as mulheres idosas entrevistadas por Lima (2006), ressaltaram a importância dos vínculos sociais, ou seja, da renovação dos vínculos e contatos sociais, dos também vínculos de amizades criados ao decorrer da vida, em detrimento da ausência da formação familiar de forma tradicional.

Barbosa e Koayama (2006), através de uma análise de dados secundários de um inquérito populacional de base nacional do ano de 1998 constataram que homens e mulheres experimentam e vivenciam a sexualidade de forma distinta ao longo da vida. Os padrões de comportamento sexual exclusivo, seja homoafetivo ou heterossexual,

são mais prevalentes na população do sexo masculino.

As autoras não chegaram ao ponto de afirmar com certeza que a bissexualidade seja mais prevalente entre as mulheres, porém, notaram que na mulher, do ponto de vista longitudinal, a relação exclusivamente com pessoas do mesmo sexo aparece apenas no recorte de um ano, e com a ampliação do recorte temporal inclui progressivamente parceiros sexuais do sexo oposto. Ressalta-se que os dados dessa pesquisa não restringiram-se à população idosa, contemplando outros segmentos etários.

Antes de mencionar as obras que discorrem sobre idosas travestis, cita-se de modo sucinto o trabalho de Vieira, Alves e Souza (2012), que em uma análise de dados secundários sobre o acometimento por HIV na população de 14 a 81 anos, verificou que nos últimos dez anos, houve um aumento de 440% do número de casos de HIV soropositivos na população idosa no estado de Rondônia.

Além disso, os autores destacaram que o principal meio de transmissão do vírus é a relação sexual entre heterossexuais, sendo 35,7% por relação sexual com homens e 55,6% por relação com mulheres. Ou seja, trata-se de mais um indício de que esse fenômeno não se associa apenas às relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo.



## **IDOSAS TRAVESTIS**

Antunes (2010), constatou, a partir do relato de idosas travestis, que o preconceito não é algo que a travesti faz degustação, mas é algo que ela vivencia, desde a infância, numa dinâmica que já começa na sua família, contemplando inclusive atos de violência física. Tais indivíduos saem ou são expulsos de casa na juventude, encontrando nas travestis mais experientes, as fontes de inspiração, modos de ser.

As travestis que chegam ao envelhecimento atravessam a vida sendo alvo de ataques constantes. O autor constatou que devido à dificuldade de encontrar um emprego, por causa da aparência, aliada a baixa escolaridade, as travestis acabam se prostituindo para sobreviver e precisam modelar seus corpos de forma quase que clandestina e arriscada, pois não contam com as políticas públicas de saúde que as sedam amparo.

Isso exige altos investimentos, pois quanto menos considerado ambíguo e atraente forem os corpos, menos discriminação e maiores os ganhos financeiros. Ainda conforme o autor supracitado as travestis de maior idade desempenham um importante papel perante o seu grupo. Orgulham-se de serem “mães” ou “madrinhas” das travestis

mais novas. Sua tarefa é de iniciar, proteger e ensinar a mais nova a viver como travesti. Devido ao preconceito, muitas das travestis acabam criando uma rede comercial entre elas.

As que conseguiram juntar algum dinheiro ao longo da vida acabam comprando imóveis e alugam quartos para as mais jovens. Outras ainda atuam como agiotas em relação àquelas que pretendem se prostituir na Europa, por exemplo.

Benedetti (2005), e Antunes (2010), observaram que as travestis tendem a associar o envelhecimento à incapacidade para o trabalho, numa dinâmica onde as mudanças no corpo estão, de forma direta, relacionadas à essa percepção. Benedetti (2005), destacou que, em alguns casos, as travestis que envelhecem voltam a se vestir como pessoas masculinas, passando por uma espécie de “destransformação” e assumindo ocupações de artistas, costureiras, maquiadoras, cozinheiras, cabeleireiras, manicures, domésticas, cafetinas, agenciadoras, entre outras ocupações.

Siqueira (2004), em sua dissertação sobre envelhecimento de travestis abarcou dentre as suas entrevistadas que apesar de estarem vivendo uma fase mais culta e com melhor qualidade de vida na melhor idade, salientam que não foi fácil chegar à idade que chegaram. Ao todo a autora entrevistou cinco



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

travestis entre 59 e 79 anos de idade, moradoras da cidade do Rio de Janeiro. Elas relataram que envelhecer com dignidade como travesti não é para “qualquer uma”.

Chegar à velhice (melhor idade) como travesti, ainda representa uma posição de *status* perante o segmento social, uma vez que estas escaparam da contaminação pelo vírus da AIDS (HIV) e da compulsão pelo uso e abuso de drogas ilícitas.

### CONCLUSÕES

Conclui-se que todas as publicações analisadas destacaram a questão do duplo estigma, o de ser uma pessoa idosa e o de ser homoafetiva. Porém, os idosos homoafetivos do sexo masculino tendem a perceber mais intensamente esse duplo estigma, uma vez que estudos com mulheres idosas homoafetivas mostraram que não há especificidades no envelhecimento desse segmento social.

Enfatiza-se a necessidade de apoio teórico e político às pessoas idosas homoafetivas, uma vez que a literatura nacional mostrou-se escassa e, além disso, os

estudos foram conduzidos com um número muito pequeno de indivíduos.

Tal movimento de mudança é necessário no sentido de reconhecer mais fidedignamente esse fenômeno e assim acolher mais resolutivamente esses indivíduos nos espaços públicos e privados.

### AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu gostaria de agradecer a Deus por ter concedido à **Luciana Guimarães Caxias** o dom de gestar e de parir para que pudesse me conceder a vida. Logo, agradeço ao meu orientador, **Liniker Scolfild Rodrigues da Silva** por estar sempre ao meu lado nesses dias tão difíceis e por apoiar todas as minhas decisões de coragem. Admiro-te por todo o sempre.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. M. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. **Revista Horizontes Antropológicos**. 2010; 16 (34): 213-233.

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



ANTUNES, P. P. S. **Travestis envelhecem?** [dissertação]. São Paulo: Pontifca Universidade Católica de São Paulo; 2010.

BARBOSA, R. M.; KOYAMA, M. A. H. Mulheres que fazem sexo com mulheres: algumas estimativas para o Brasil. **Cad. Saúde Pública** [online]. 2006; 22 (7): 1511-1514.

BENEDETTI, M. R. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis.** Rio de Janeiro: Garamond; 2005.

CEARÁ, A. T; DALGALARRONDO, P. Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em mulheres homossexuais na maturidade e na velhice. **Revista de psiquiatria clínica.** 2010; 37 (3): 118-123.

CECCARELLI, PR; FRANCO, S. Homossexualidade: verdades e mitos. **Revista Bagoas.** 2010; 05 (1): 119-129.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal; 2011.

LIMA, T. G. **Tornar-se velho: O olhar da mulher homossexual** [dissertação]. São Paulo: Pontifca Universidade Católica de São Paulo; 2006.

MOTA, M. P. A construção da homossexualidade no curso da vida a partir da lembrança de gays velhos. **Revista Bagoas.** 2012; 06 (07): 199-222.

MOTA, M. P. Homossexualidade e Envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência. In: **SINAIS - Revista Eletrônica – Ciências Sociais.** Vitória: CCHN, UFES. 2009; 06 (1): 26-51.

SIQUEIRA, M. S. **Sou Senhora: Um estudo antropológico sobre travestis na velhice** [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2004.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

VIEIRA, G. D.; ALVES, T. C.; SOUSA, C. M. Análise dos Dados Epidemiológicos da AIDS em Idosos no Estado de Rondônia, Amazônia Ocidental. **DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**. 2012; 24(1): 49-52.

